

Uma “luta de classes” entre negros?



Por RONALDO TADEU DE SOUZA*

Existe hoje a presença de dois grupos negros com interesses e exigências materiais e simbólicas diferentes

“Das Wahreist die Wahreit [o certo é a verdade]...” (Max Weber).

“Talvez o papel da publicidade seja mais político que econômico [...] Talvez ela sirva, sobretudo para suprimir Mallarmé e sua metralhadora” (Viviane Forrester).

O Brasil é o país ocidental que talvez mais apresente traços específicos. Não é preciso elencá-los aqui para economizar texto e não aborrecer o leitor. Uma das últimas particularidades brasileiras – é a conformação de uma modalidade excêntrica de “luta de classes”. Uma “guerra de classes” entre negros. Ou para ser mais nuancado na formulação: ocorre hoje por aqui, uma sociedade estruturalmente fundada na escravização de pessoas de pele preta, que os interesses (materiais e simbólicos) daqueles e daquelas que supostamente deveriam ter o mesmo horizonte político, social, cultural, econômico e racial, sobretudo, são em certos aspectos distintos – antagônicos até.

Por outras palavras ainda, presenciamos na atualidade o fato irrefutável de dois grupos raciais-sociais assimétricos com perspectivas e objetivos que não convergem para uma mesma busca de emancipação e libertação do racismo. Entretanto, poder-se-ia dizer que sempre assim ocorreu e que isso tem seus traços positivos; que concretamente os interesses dos negros nunca foram homogêneos; que é uma virtude nunca ter havido demandas comuns, pois há uma diversidade de povos e grupos pretos na sociedade brasileira; ou ainda, tratar os negros como um grupo único é expressão de certo preconceito e desconhecimento da sua história em geral e história de suas lutas em particular. Esses “lugares-comuns” formulados com pretensão de sofisticação sociológica não ocultam o argumento factual que se segue.

Mas vejamos então. Desde os tempos da escravidão é certo que havia exigências peculiares entre negros e negras. É mais do que óbvio que os capitães-do-mato tinham um horizonte a ser atingindo. Que os negros e negras nas senzalas possuíam, com certeza, outra perspectiva social, cultural e política. E eram distintas dos que viviam nas casas-grandes. Do mesmo modo que os habitantes dos quilombos, evidentemente, tinham urgências que diziam respeito aos seus modos de existência ali vividos. Com efeito; ainda nos tempos do Brasil pré-moderno, em que vigorava a violenta e cruel escravidão, as reivindicações imediatas não se confundiam. Historicamente, assim, foram se constituindo os vários e múltiplos movimentos negros, com seus repertórios de luta e arranjos de ação coletiva, sobretudo a partir dos anos 1920 (com o delineamento da modernidade brasileira) com a conformação das primeiras organizações de combate ao racismo e figuras importantes que vocalizavam essa luta. (A bibliografia aqui é vasta, basta averiguar os trabalhos dos meus pares e principais pesquisadores e pesquisadoras do tema em nossas ciências sociais.)

Uma evidência irrefutável, não obstante, está presente em todas essas circunstâncias desde os tempos da Colônia passando pelo Império, a Primeira República e chegando à atuação das entidades negras iniciáticas e daí ao arco histórico de lutas até as últimas décadas do século XX e os primeiros anos desse século. As variações nas contendas para extirpar o racismo tinham o objetivo declarado de que o negro e a negra na sociedade brasileira necessitavam, de maneira indelével, buscar de todos os modos imagináveis e inimagináveis lutar com denodo para findar com a ferida nacional do racismo: consequência do modo de produção escravista-colonial. Havia, por exemplo, a convicção de que a organização seria decisiva. Que a formação de associações, clubes de cultura, a criação de movimentos sociais, círculos de debate não poderiam ser adiadas se os ex-escravizados desejassem, verdadeira e concretamente, acabar com o racismo e suas

consequências (ou ao menos atenuar os impactos dessa chaga aberta).

A participação em partidos políticos, os de esquerda de preferência (uma relação sempre tensa e não resolvida, se é que chegaremos a termo algum dia...), foi ponto “consensual”. (Clóvis Moura e Minervino de Oliveira foram do PCB - e Lélia Gonzalez, primeiro no PT e na sequência no PDT, ambos no Rio de Janeiro são figuras de uma experiência, relativamente única na luta contra o racismo.) Unidade no diverso. Ou síntese de profusas peculiaridades. O combate de mulheres e homens de pele preta constituiu-se pela compreensão prática de que malgrado as exigências heterogêneas e os sentimentos diferenciados diante e sob a estrutura de dominação causadora do sofrimento racial, a luta contra o racismo e suas manifestações mais cruéis era, de certo modo, a mesma.

Por outras palavras, ao longo de todo o período em que vigorou o escravismo e, após seu “fim”, no século XX brasileiro em particular, a disposição dos interesses de negros e negras apresentava-se como o entendimento bem configurado de que as vias para findar com o racismo tinham de serem concentradas na luta política e organizativa - social e econômica. Isso jamais exclui a demanda por “representatividade” anacronicamente falando: Escolas de Samba, Bailes Blacks nos anos 1970, o Candomblé/Umbanda (a boa e velha Macumba), reivindicação de atrizes negras como Zezé Motta, Dona Ruth de Souza, e nosso Grande Otelo eram modalidades de exigência da presença da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Portanto, era um povo negro- esmagado pela materialidade da escravidão que atendia os interesses da classe dominante branca, um grupo altamente restrito, violento, cínico, mesquinho, discriminador e plenamente consciente dos modos pelos quais garantir seus ganhos (a reprodução sistemática da lógica da sociedade colonial) - vislumbrando a liberdade efetiva de si e, consequentemente, da nação. Ademais: os que haviam conseguido se tornar intelectuais, escritores e escritoras, pesquisadores e pesquisadoras, homens e mulheres de ação prática, figuras decisivas dos movimentos negros e políticos sabiam que estavam a vocalizar as necessidades daqueles que não teriam suas vozes ouvidas dadas as próprias relações sociais racistas que aqui se constituíram.

Esse cenário histórico e político hoje não mais existe. O que presenciamos atualmente na sociedade brasileira, são os interesses não mais de um povo negro com variedades de reivindicações que se fundem, a síntese dos diversos, articuladas pela organização e luta política “comum” com “viés de esquerda”, mas sim de dois grupos - que têm anseios fundamentalmente distintos. Conformou-se no Brasil um grupo de negros e negras que hoje “conseguiram” adentrar (é verdade que com esforço, sangue e suor) os lugares da elite branca dominante, o que na formulação de um tipo de literatura especializada em ciências sociais chama-se espaços de poder e privilégio brancos.

Não é preciso um olhar mais atento para verificarmos a presença de figuras negras a “ganharem” programas em grandes conglomerados de mídia; a circularem em instituições e juntos a membros da elite branca (debates com empresários, atores do judiciário, jornalistas de renome); a fazerem propagandas de grandes marcas (de roupa, cosméticos, acessórios etc.); a darem entrevistas em canais de enorme prestígio tratando de temas da negritude (essas entrevistas são como “conversas ao pé da lareira” regrada a vinho - e quando muito se transfiguram em “consultoria de diversidades”^[1]); a proferirem palestras em locais de alto padrão de requinte; e em alguns casos a se tornarem empresários e empresárias com algum capital, diminuto óbvio.

E há um grupo, na verdade uma nação, de pessoas de pele preta que tem interesses radical e, essencialmente, diferentes daqueles que acima apresentei: resultantes de uma sociedade forjada pelo trabalho escravo, o racismo de classe e suas reproduções sistemáticas e por vezes conscientes da elite branca dominante. São mulheres negras que estão a trabalhar em dois, três empregos diariamente para sustentarem suas famílias; jovens meninas, pretinhas mesmo, em filas nas milhares de UBS's espalhadas pelas periferias brasileiras aguardando uma vaga no pediatra ou na emergência com seus meninos e meninas enfermos enquanto seus companheiros, quando os tem, reproduzem o patriarcado vil deixando-as cuidar de tudo, quando não estão presos ou já foram exterminados pelos sicários a soldo (a polícia estatal e paraestatal) da elite branca dominante; homens pretos, alguns já de cabelos brancos, debaixo de sol escaldante a construir prédios e mais prédios e coletar resíduos não utilizáveis; meninos negros de 15 a 20 anos em motos e bicicletas a entregar o delivery por horas e horas para os mais abastados (a classe média e média alta branca) e são famílias negras, no último período, em filas de açougue à espera de sobras de carnes (ossos) na atual crise econômica e do desemprego que se abateu sobre o país com a pandemia da Covid-19 e o projeto de país do grupo de Bolsonaro-Guedes-Mourão.

a terra é redonda

A verdadeira realidade que se forma diante de nós é irrefutável. Se aquele grupo da “elite” negra mobiliza os “problemas” (se é que somos problemas... e não o “branco”, sobretudo o da classe dominante) históricos do povo preto para com “conveniência” forjar uma esfera de reconhecimento “conscientemente” ou não em articulação com a elite dominante branca, a princípio e numa primeira análise não nos importa. Bem como quais os eixos causais ou explicativos de uma perspectiva crítica para a existência tal fenômeno, também não. Estudos e pesquisas seguramente surgirão para ensaiar análises e explanações de muito maior folego que este brevíssimo texto de ocasião. De imediato, o que testemunhamos é uma “luta de classes” entre negros; bem entendida as coisas - são demandas, necessidades, exigências, anseios, reivindicações e objetivos materiais e simbólicos consideravelmente diferentes.

Nesse aspecto particular é sugestivo indagarmos acerca do grupo que atua em zona, por assim dizer, intermediária. Como pesquisadores negros e negras formados nos últimos 10-15 anos em centros de excelência (universidades públicas de alta qualidade na produção de pesquisa), com um arranjo disciplinar novo que apresenta outras possibilidades epistemológicas e cognitivas, e com uma literatura “heterodoxa” de ciências humanas a circular nos ambientes acadêmicos e de cultura científico-intelectual estão se posicionando ou irão se posicionar, direta e indiretamente, frente às circunstâncias acima?

Minha hipótese, bastante rudimentar evidentemente, e que precisará de tratamento acurado pelos pesquisadores interessados no tema e com melhor formação que a minha nessa área: é que há de algum modo uma tendência de “hegemonização” do grupo acadêmico pelo grupo de “elite negra” em termos de disposição simbólica (vocabulário, percepção social de si, gestos culturais) - mas não material. (Percebe-se, por exemplo, que há um intercâmbio, uma circulação, da estrutura teórica atual, a literatura de ciências sociais, filosofia, estudos culturais, que lida com questões de raça, racismo, preconceito etc. entre os grupos da “elite negra” e as universidades públicas de excelência; claro que com níveis de compreensão, abordagem, método, problematização e rigor distintos.) Mas isso, novamente, exige uma aproximação mais cuidadosa.

Neste momento basta o diagnóstico (crítico de certo modo) sobre a presença de dois grupos negros com interesses e exigências materiais e simbólicas, infelizmente, diferentes. E por vezes até antagônicos. “Queríamos nós” que todos e todas as pessoas de pele preta junto a pessoas de pele branca (da elite... ou não) estivessem a conversar diante de uma lareira aconchegante regrada a vinho, queijos finos e outras especiarias sobre assuntos vários - desde a ancestralidade até de quão potente é o livro de autor ou autora X ou Y passando pelos Orixás de cada um no bate-papo. Por hora, e se é de lamentar ou não cabe à posição política, teórica e intelectual dos que estão envolvidos nesse debate inclusive de quem escreve aqui, constata-se apenas imediata e concretamente, de que existe hoje no Brasil com inaudita excentricidade: uma “luta de classes” negra.

*Ronaldo Tadeu de Souza é pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Ciência Política da USP.

Nota

[1] Sobre os termos “conversas de lareira” e “consultoria de diversidade” ver Hari Kunzru. “The Wages of Whiteness: whiteness is a concept that can be made to serve many interests and positions, not all of them compatible”. *The New York Review of Books*, September, 24, 2020, Issue.